

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RIO-PARIS-RIO, DE LUCIANA HIDALGO: MEMÓRIAS DE UM PASSADO LAMENTÁVEL

RIO-PARIS-RIO, BY LUCIANA HIDALGO: MEMORIES OF AN UNFORTUNATE PAST

Giza Castro Moreira Coelho¹
José Elias Pinheiro Neto²

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a trama *Rio-Paris-Rio*, de Luciana Hidalgo, valorizando a memória e utilizando desse aparato para desvelar os traumas vivenciados pelos personagens, como também, estudar esta mistura historiográfica e literária contemporânea, que além de evitar o esquecimento, retoma as lutas e a resistência do povo brasileiro, permitindo a participação ativa do leitor na construção dos sentidos do texto de forma agradável. A narrativa tem como protagonistas Maria e Arthur, brasileiros e exilados na França, na cidade de Paris, refugiados da Ditadura Militar do Brasil (1964). Além da Ditadura Militar são abordados outros aspectos, como os movimentos estudantis de Maio (1968), na França e as lutas que são constantemente travadas por tantas outras nações. O livro, com temática política, retrata o sofrimento de estrangeiros e de imigrantes, ressaltando as dificuldades que os exilados enfrentam na oportunidade de uma vida melhor. Utiliza-se como suporte teórico no desenvolvimento deste estudo: Márcio Seligmann-Silva (2005), Aleida Assmann (2011), Marie Gagnebin (2006), Paul Ricoeur (2007), Henri Bergson (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Brasil. França. Ditadura Militar. Memória. Trauma.

Abstract: The objective of this work is to analyze the plot *Rio-Paris-Rio*, by Luciana Hidalgo, valuing memory and using this apparatus to reveal the traumas experienced by the characters, as well as studying this contemporary historiographic and literary mix, which in addition to avoiding oblivion, revisits the struggles and resistance of the Brazilian people, allowing the reader's active participation in the construction of the text's meanings in a pleasant way. The narrative has as protagonists Maria and Arthur, Brazilians and exiles in France, in the city of Paris, refugees from the Brazilian Military Dictatorship (1964). In addition to the Military Dictatorship, other aspects are covered, such as the student movements of May (1968) in France and the struggles that are constantly waged by many other nations. The book, with a political theme, portrays the suffering of foreigners and immigrants, highlighting the difficulties that exiles face in the opportunity for a better life. The following are used as theoretical support in the development of this study: Márcio Seligmann-Silva (2005), Aleida Assmann (2011), Marie Gagnebin (2006), Paul Ricoeur (2007), Henri Bergson (2010), among others.

¹ Licenciada em História pela UEG. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade pela UEG. Email: gizacastro6@gmail.com.

² Licenciado em Letras pela UEG. Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Email: jose.pinheiro@ueg.br.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Keywords: Brazil. France. Military dictatorship. Memory. Trauma.

1 Considerações iniciais

O romance *Rio-Paris-Rio*, de Luciana Hidalgo, narra a história de dois jovens, Maria e Arthur, ambos brasileiros, que se conheceram em Paris no início de 1968. Ela estuda filosofia em *Sorbonne* e é leitora de Descartes, ele é poeta e artista de rua. Narrada em terceira pessoa, o livro trata do período da Ditadura Civil-Militar, época que trouxe inumeráveis silenciamentos e traumas dentro de arquivos poucos explorados na história do Brasil. A narrativa, além de retratar o regime opressor, relata as manifestações estudantis ocorridas na França em 1968 “é proibido proibir” (HIDALGO, 2016, p. 118), em que ambos, Maria e Arthur, ficam divididos pela beleza e a dificuldade que escolheram viver. Além de Maria e Arthur, os personagens Marechal e Gabriel, mais conhecido como Ciaiei, também vivem exilados em Paris.

Luciana Hidalgo, nasceu no Rio de Janeiro em 1965, escritora e ganhadora de dois prêmios Jabuti, *Literatura da Urgência: Lima Barreto no domínio da Loucura* (Teoria e Crítica Literária) e *Arthur Bispo do Rosário – O Senhor do Labirinto* (Biografia), cursou pós-doutorado em *Sorbonne*, faculdade em que Maria estuda filosofia. Hidalgo morou vários anos na França, portanto, conhecia muito bem aquele país acinzentado e frio. “Em algumas horas desembarcará numa Paris acinzentada, às vésperas de mais um inverno cavernoso” (HIDALGO, 2016, p. 148). A autora frequentou por anos cafés e bibliotecas citados na narrativa e percorreu por muito tempo àquelas ruas narradas no romance: “atravessam a rua, folheiam uns livros na La Hune e tomam café no Flore” (HIDALGO, 2016, p. 124).

O romance traz aspectos vivenciados pela escritora, narrado por meio da sua perspectiva, assim, existindo um entrelaçamento com a *autoficção*. “Um ponto em comum une os mais variados exercícios autoficcionais: a possibilidade de apagar, ao menos embaralhar, os limites entre uma verdade de si e a ficção” (HIDALGO, 2013, p. 221). Luciana Hidalgo (2013, p. 227) explica que provavelmente o que interessa seja “a pulsão do *eu*, da expressão do *eu*”. A autora ainda completa que a escrita autoficcional “é a urgência de sua situação pessoal” (HIDALGO, 2013, p. 228). Assim,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

percebe-se que a escritora por meio da sua narrativa faz um depoimento, uma denúncia, registrando o sofrimento vivenciado por milhares de pessoas, e que, provavelmente, Maria e Arthur representam a luta pela democracia e a liberdade de expressão, que mesmo ‘engolidos’ pela opressão e pelo militarismo, tiveram a oportunidade de se refugiarem, indo em busca por melhores condições de vida, os personagens são resultados de um desejo seu, gostaria de ter tido a oportunidade que eles tiveram, mas não teve.

Maria, neta de um General aliado à ditadura, se refugia da sua história, guarda lembranças da sua infância e do seu passado, as quais serão reveladas para seu namorado Arthur, no decorrer da história. “No passado de Maria permanece um segredo, soterrado, escondido de Arthur” (HIDALGO, 2016, p. 32). Assim como o passado de Maria, o de Arthur é desprezado. “O passado de Arthur, que ecoa assim em cartas de estranhos, de uma gente que Maria nunca conheceu, de quem não ouviu falar, a incomoda. Prefere o plano anterior, ignorante da vida do outro, com o presente fundado um futuro que despreza o passado” (HIDALGO, 2016, p. 53). Esse ‘apagamento’ do passado por parte dos personagens, representa a angústia de inúmeras pessoas que viveram momentos de sofrimento causados pela ditadura e que continuam arquivados na memória.

A análise do livro começa pela capa, a qual revela um prelúdio, com aspectos envelhecidos, cores amarronzadas, embaçadas e mortas remetem o leitor à cidade de Paris. A cidade possui aspectos deprimentes, segundo a autora, a arquitetura envelhecida e antiga torna a paisagem entristecida. “Os prédios em Paris são todos de um bege amarronzado, quase preto, como se deprimidos pela poeira do progresso. Rodeada por tons pastéis, Maria conclui: a mudança recente de cidades, Rio-Paris, tem sido, antes de tudo, uma mudança de cor” (HIDALGO, 2016, p. 9). Paris é uma cidade resistente, com seus monumentos históricos, suas tradições conservadoras se misturando às suas cores pastéis. “E quando passeia ao seu lado, é essa outra cidade que Maria vê, encadernada, papel-bíblia, bordas de ouro, capa dura” (HIDALGO, 2016, p. 12). Maria se adapta, se torna uma “camaleônica nessa paisagem” (HIDALGO, 2016, p. 9), veste calça preta e mantô marrom, introspectiva como os parisienses.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O romance tem aspecto híbrido, pois é composto por relatos historiográficos verossímeis, tais como: as manifestações revolucionárias estudantis e a Ditadura Militar, “O Edson Luís foi morto à queima-roupa, aí fizeram um cortejo com o corpo pelo Centro” (HIDALGO, 2016, p. 54), como também pela ficção: “Luc conta então como o corcunda escolhia diariamente um entre os quinze sinos da catedral, seu preferido, no qual se pendurava, libidinoso, e o chamava Marie” (HIDALGO, 2016, p. 44). Essa mistura historiográfica e literária contemporânea, além de evitar o esquecimento, retoma as lutas e a resistência do povo brasileiro, permitindo a participação ativa do leitor na construção dos sentidos do texto de forma agradável.

É interessante observar que o aspecto visual das cores das roupas, paisagens e até dos animais, remetem o leitor ao sofrimento, à guerra, ao apagado, ofuscado, uma sensação de lembranças sombrias, uma tristeza eminente. “Um passarinho bege com mechas em marrom e preto chega perto de Maria, atrás de uma migalha próxima a seu pé. – Até os passarinhos aqui são sem cor” (HIDALGO, 2016, p. 111). Não foi ao acaso que Luciana Hidalgo escolheu a cidade de Paris para fazer esse paralelo com Brasil. Um dia a autora, assim como Maria e Arthur, também viveu como estrangeira exilada, naquela cidade fria.

O romance mostra os dois lados de Paris, um, uma cidade luxuosa, rica e convidativa, e o outro composto por boêmios e revolucionários. “Admira os *clochards* de Paris, que não chegam a mendigos. Dignos, muito mal-humorados, se impõe na vida urbana, marginais, a miséria como escolha. É, sem dúvida, a atração mais comovente da Paris de Arthur” (HIDALGO, 2016, p. 19). Arthur e Maria, que foram para Paris como turistas, aos poucos se tornam imigrantes nas terras francesas. Porém, a todo momento, se sentem não-pertencentes daquela nação, mesmo aprendendo a língua e se adaptando a rotina, que por sinal é bem diferente do Brasil. Esse não pertencimento ao país, tanto de Maria, quanto de Arthur os fazem se unirem e se refugiarem um ao outro. “Talvez porque sejam, Maria e Arthur, já exilados, e cada instante juntos define um território e um tempo só deles” (HIDALGO, 2016, p. 69).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A diegese navega no passado-presente, lembranças da infância de Maria, do convívio com seu avô e de seus ensinamentos militarizados, como também do trauma da morte de seu irmão, causada por uma arma da família. Márcio Seligmann-Silva (2003) explica que a memória procura sempre amenizar os conflitos, fechar as feridas, silenciar as dores, reconstruindo a história pessoal do indivíduo. E nesse viés propõe-se analisar o romance, compreender que a “memória é uma arte do presente” (SALIGMANN-SILVA, 2003, p. 56), e que, por meio dela, pode-se “manter o passado ativo no presente” (SALIGMANN-SILVA, 2003, p. 57). Além dessas nuances, valorizar a importância da literatura como garantia de manter os fatos ‘vivos’, ativos no agora, desvelando os traumas vivenciados pelos personagens, principalmente pela protagonista Maria.

2 Memória e trauma

A memória é um fator de destaque na narrativa de Luciana Hidalgo, a escritora utiliza a literatura para testemunhar, garantindo a continuidade, resgatando a historiografia, as dores e o sofrimento das vítimas da Ditadura Militar e das revoluções de 68 em Paris. “A literatura é o testemunho da sua própria possibilidade de sobrevivência” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 137). No decorrer da narrativa, a protagonista lembra dos momentos vivenciados pela ditadura no Brasil: “– Vocês têm muita sorte, Luc, de estar aqui na França nesse exato momento, muita sorte mesmo, com essa liberdade de ir e vir, esse direito tão simples. O Brasil está agonizando” (HIDALGO, 2016, p. 46). Márcio Seligmann-Silva (2005) ressalta que a representação de acontecimentos traumáticos é capaz de tornar o campo de guerra “real”, ou seja, a partir do momento que os acontecimentos são narrados, eles são reproduzidos, multiplicando o trauma.

Aprendemos que o elemento traumático do movimento histórico penetra nosso presente tanto quanto serve de cimento para nosso passado, e essas categorias temporais, não existem sem a sua representação, que se dá tanto no jornal, na televisão no cinema, nas artes, como na fala cotidiana, nos nossos gestos, sonhos, silêncios, e, enfim, na literatura (SELIGMANN- SILVA, 2005, p. 64).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Com a Primeira Guerra Mundial, a questão do trauma torna-se comum entre os soldados e sobreviventes. Márcio Seligmann-Silva (2005) para explicar o trauma, traz como aparato a ideia freudiana, em que Freud trata dessas neuroses traumáticas a partir das experiências daquele episódio fatídico, que para ele não pode ser visto como uma forma de esquecimento, pelo contrário, uma forma de conservação, sinal de angústia que poderia ser eliminado por meio de terapias psicanalíticas. Márcio Seligmann-Silva (2005) menciona algumas características do trauma, defendidas por W. G. Niederland, as quais envolvem pesadelos, distúrbios do sono e incapacidade de relatar a experiência traumática, características evidentes na personagem Maria. “Fábio está morto. Maria acorda do pesadelo entre desespero e resignação. Isso faz muito tempo, ela tem consciência, mas pesadelos existem pela nostalgia do sinistro” (HIDALGO, 2016, p. 60). Márcio Seligmann-Silva (2005, p. 71) ainda completa que as imagens traumáticas “têm seu correspondente tanto no concretismo dos fragmentos de memória e das tentativas de representação da cena do trauma como também na fragmentação da narrativa”. Assim, as imagens traumáticas da morte de seu irmão, ficam registradas no inconsciente de Maria.

Segundo Eclea Bosi (1994, p. 53) “a lembrança é a sobrevivência do passado”. A autora ainda acrescenta que lembrar é reconstruir, refazer, com imagens e ideias atuais, as experiências vividas no passado. “Não há como esquecer: o irmão morreu aos 10 anos quando ela estava com apenas 7. Creem no acidente, o garoto na casa do avô, encantado pelas armas do avô, iludido pelas histórias de guerras nunca combatidas pelo avô” (HIDALGO, 2016, p. 61). Nesse trecho, detecta-se a lembrança traumática de Maria com a morte de seu irmão Fábio, em que ela carrega o trauma do som do disparo da arma de fogo: “Daí o estrondo *bang* o horror *bang* o trauma” (HIDALGO, 2016, p. 63). O romance de Hidalgo é bastante envolvente, percebe-se que Maria carrega em sua memória perturbações traumáticas: “Falta ar. Maria respira fundo, pensa no avô, no irmão morto. Falta ar. Arthur repara, ela sufoca. Não se move, apenas expira, como se não tivesse mais o direito de inspirar, de aí estar” (HIDALGO, 2016, p. 53).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O filósofo Henri Bergson (2010, p. 89) ensina sobre a memória: “a bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente.” As lembranças de Maria a atormenta, em várias passagens percebe-se que suas angústias estão sempre ativas na sua memória, ao comer um sanduíche em uma praça, ela se surpreende com o passado: “Acha-se meio masculina e até violenta como a garota do flashback. Cabem nessa nostalgia as guerras fabulosas do avô, ela, o irmão e a praia de Copacabana” (HIDALGO, 2016, p. 8). A lembrança é um fator de destaque no livro, pois a maior parte da narrativa acontece por meio dela, em que Maria retoma ao seu passado, recordando de acontecimentos que marcaram sua trajetória.

Gostaria de contar a ele o quanto fui mimada pelo general, esse mesmo que integra a corja de ditadores brutais no Brasil, o quanto o avô faz falta, afinal, antes de tudo isso, não era mau assim, pelo contrário, sempre abria uma viela de ternura no autoritarismo por onde ela passeava sem medo (HIDALGO, 2016, p. 55).

O avô de Maria é uma figura marcante em sua trajetória, volta e meia ela retoma as lembranças de seus ensinamentos, das experiências e de tudo que aprendeu com ele, uma recordação nostálgica. Já Arthur, poucas passagens são registradas, nesse trecho, menciona um episódio com seu pai, homem inteligente e culto. “O tempo vai se encarregar disso, meu filho, o comunismo há de vencer, diz, paciente, crédulo na doutrina como munição” (HIDALGO, 2016, p. 57). Lembranças de um passado lamentável, em que Maria e Arthur “falam pouco do passado, enterrado num cemitério de famílias” (HIDALGO, 2016, p. 31). O romance de Luciana Hidalgo é marcado pelo sofrimento e pela melancolia, dois jovens peregrinos, exilados, sobrevivendo em um país estranho.

Hidalgo faz um paralelo entre o Brasil e França. É interessante ressaltar que enquanto o Brasil sofria com o militarismo, perseguições, censura e morte, Paris vivia um período de revoluções, movimentos estudantis, em que jovens buscavam igualdade e liberdade. A autora faz um paradoxo entre os dois países, ambos vivendo períodos atordoadores, porém, com contextos diferentes, remetendo o leitor a análises. Brasil, país de cores e de muita alegria sofre com a Ditadura Militar,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Paris, cidade simétrica, cenográfica e literária, cenário de movimentos estudantis em busca de reformas no sistema educacional. “Está confusa porque pensava se exilar num país livre, mas se é um país livre, por que jovens quebram tudo em busca de liberdade, ela se pergunta” (HIDALGO, 2016, p. 93).

Vale ressaltar que, a ditadura não é o foco da narrativa, apenas um “pano de fundo”, “um espectro”. A autora trata da resistência que é impregnada, colocada ‘goela abaixo’ na sociedade, seja onde for, está em Rio, em Paris, em todo lugar. Vez e outra, brasileiros, venezuelanos e tantos outros povos, se refugiam e vivem exilados em outros países, em busca de melhores condições de vida. “É isso, temos de unir as nossas lutas, no fundo é a mesma, seja no Vietnã, na China, na França, no Brasil, na Argentina, somos todos hermanos querendo libertad [...]” (HIDALGO, 2016, p. 99). Nesse sentido, percebe-se que a pretensão de Hidalgo é representar o sofrimento de todas as pessoas vítimas da opressão, seja onde for, independente de época ou de lugar.

Em meio a trama, Hidalgo traz na narrativa as lembranças da morte trágica do irmão de Maria, Fábio. Maria suspeita que Fábio tenha se suicidado. Arthur e Maria em um dado momento falam sobre suicídio em Paris, como são numerosos, ele comenta que acha um ato de coragem o suicídio, nesse mesmo instante Maria diz: “- Acho que o meu irmão se matou” (HIDALGO, 2016, p. 63). Ele embalado na conversa continua a filosofar, ela continua e diz que o pai dela culpa seu avô e ainda completa dizendo: “ – Aliás, eu *tava* pra te contar, meu avô é um dos generais por trás do golpe no Brasil” (HIDALGO, 2016, p. 64). Arthur, ignorando o que Maria diz, desconversa e continua a observar um casal de patos que nadam no rio. Esse episódio demonstra o apagamento do passado dos protagonistas, pois Arthur despreza a fala da namorada literalmente.

É interessante ressaltar, que Maria sofre calada, apagada. “A história de um trauma é a história de um choque violento, mas também de um *desencontro* com o real (em grego, vale lembrar, ‘trauma’ significa ferida)” (SELIGMANN-SILVA, 2003, 49). Assim, permanece uma incapacidade de narrar o trauma, como acontece com Maria, a protagonista narra sutilmente, na verdade, ela praticamente não revela, e quando fala, tenta ofuscar, como se quisesse apagar sua origem, sua herança familiar,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

enfim, seu passado. “Um desperdício diário de ideias que nunca sairão do silêncio de cada um. E Maria, mais do que Arthur, tem muito cuidado ao escolher o que comenta” (HIDALGO, 2016, p. 63). As poucas vezes que ela fala do seu passado, delimita-o, misturando sua história com a de outras pessoas, provavelmente, uma válvula de escape.

Enquanto os historiadores travam uma “luta contra o esquecimento”, como diz Jeanne Marie Gagnebin (2006), Arthur tenta fazer com que suas lembranças e as de Maria, sejam apagadas. Portanto, “lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)” (GAGNEBIN, 2006, p. 47). Assim, mesmo havendo um silenciamento, as feridas de Maria encontram-se abertas, sendo reproduzidas constantemente em sua memória.

Nessa perspectiva, a narrativa trata de um momento sombrio, em que o regime autoritarista comandou o Brasil por vários anos, havendo censura à imprensa, restrição de opiniões e aos direitos políticos de pessoas que eram opositoras ao regime. “Nessa sociedade quem não segue as regras está fora, já deu para perceber. Adapte-se ou será eliminado em 3, 2, 1 [...]” (HIDALGO, 2016, p. 118). As lembranças aparecem de forma discreta no romance, em que os personagens tratam o assunto com discrição, suas lembranças são silenciadas. “Para ele, pouco importa Maria e sua pré-história, raízes ou heranças. Importa o destino que compõem os dois a cada frase que silenciam, na memória que recalcam. Fatos familiares se perdem no caminho de um até o outro. Eles se inventam aí onde faltam” (HIDALGO, 2016, p. 31). E por meio da literatura, Hidalgo traz nos meandros da narrativa, relatos da Ditadura Militar, retratando a resistência e o sofrimento vivido pelos brasileiros, a fim de que acontecimentos tenebrosos como este, não sejam apagados da memória.

O ano de 1968 foi um marco para a historiografia brasileira, ano de aflição, de muitas mortes e violência. Memórias de sofrimentos, ano do assassinato do estudante Edson Luís, causando grande revolta, levando a população ao protesto:

Seu estopim foi a morte de um estudante num conflito com a polícia, no dia 28 de março. Esse incidente desencadeou um protesto nacional contra a violência da

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ditadura, cujo epicentro foi a cidade do Rio de Janeiro. Em uma semana, houve pelo menos 26 grandes passeatas em 15 capitais de estados (MARTINS FILHO, 1998, p. 18).

Além dos movimentos estudantis, aconteceram outros, como a paralisação de bancários em várias capitais do Brasil. Logo, “veio dezembro e, com ele, o novo Ato Institucional, que fechou temporariamente o Congresso, suspendeu o *habeas-corpus* e os mandatos e direitos políticos de inúmeros políticos, colocou a imprensa sob censura e afastou do Supremo Tribunal Federal vários juízes” (MARTINS FILHO, 1998, p. 18). Esse conjunto de medidas, objetivava reprimir os opositores, garantindo a permanência do regime militar no poder.

Neste mesmo ano foi decretado a instauração do AI-5 pelo presidente Costa e Silva, reforçando o autoritarismo pregado no país, o marco mais sombrio da Ditadura Militar no Brasil. “Vai a poesia, vem a correspondência explosiva recém-chegada do Brasil via Londres. Ninguém confia em ninguém” (HIDALGO, 2016, p. 49). Nas cartas recebidas do Brasil, palavras de ordem tomam conta das linhas de forma incisiva: “DITADURA ASSASSINA. POLÍCIA MILITAR MATA O ESTUDANTE EDSON LUÍS. JOÃO ESTÁ PRESO. ABAIXO O IMPERIALISMO. MAIS UM MORTO. ESTAMOS DE LUTO. ASSASSINOS. É PRECISO RESISTIR” (HIDALGO, 2016, p. 50). O livro de Hidalgo traz à tona lembranças da Ditadura Militar, em que Maria e Arthur vêm representar o sofrimento de milhares de brasileiros, pois, “estar no tempo ‘pós-catástrofe’ significa habitar essas catástrofes” (SELIGMANN- SILVA, 2005, p. 63). Portanto, é essencial conhecer a história do nosso povo e as lutas travadas em prol da democracia, contribuindo na perpetuação dos fatos, como também, evitando a sua repetição.

Maria carrega traços do passado, metódica (sentava-se repetidamente em um X no chão e ligava a vitrola), detalhista, resquícios da ditadura pregada pelo seu avô: “Esse exercício da concentração no detalhe, no despercebido, faz parte do método, sempre ele, ou o que resta dele” (HIDALGO, 2016, p. 40). Maria era diferente antes de Arthur, seu método mudou, suas amigas também.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Ela vê sua vida pregressa se esvair em prol do casal que eles se tornam, e também a dele se esvai. Há nisso um tanto de prazer, um tanto de maldição. Uma formação caótica substitui aos poucos a educação católica, e eles passam a se contar outras parábolas, mais delicadas, menos perversas (HIDALGO, 2016, p. 37).

No início do romance, Maria se apresenta militarizada, é aluna exemplar e dedicada, no decorrer da narrativa, ela vai narrando suas lembranças e se transformando. Com a convivência de Arthur, Maria já não carrega o mesmo método cartesiano: “O X no chão já se apagou. Os corpos, unidos ou em gestos triviais, encenam novas marcações” (HIDALGO, 2016, p. 28). No decorrer do romance, a autora utiliza de metáforas para se referir ao passado, às lembranças: “Jogam uma pá de cal no pretérito, desprezam vícios de gerações” (HIDALGO, 2016, p. 31). Os personagens resolvem esquecer o passado, para viverem a tão sonhada liberdade, uma forma de apagamento do passado: “Afinal, ninguém escolhe a infância e é quase uma obrigação apagá-la, inventar outra no lugar” (HIDALGO, 2016, p. 31). Assim, eles decidem não falar do que passou, Maria neta de um ditador e Arthur, oposição, um comunista.

Segundo Paul Ricoeur (2007, p. 24) “lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança”. O autor acrescenta, “lembrar é fazer alguma coisa”, é a representação do passado, onde a lembrança traz à tona imagens do passado. Para ele, a lembrança é uma “representação presente de uma coisa ausente” (RICOEUR, 2007, p. 27). Nesse sentido, a memória é capaz de trazer para o presente, coisas que não estão aqui, mas já estiveram no passado. Assim, por meio da memória, os acontecimentos que já se encontram ausentes, ainda fazem presentes na vida de Maria. Na verdade, as lembranças trazidas pela memória são uma forma de simulacro, trazendo à tona parte dos acontecimentos. São fragmentos, “e em que toda procura de lembrança é também uma caçada” (RICOEUR, 2007, p. 30). Segundo Aleida Assmann (2011, p. 72):

O ser humano orientado por seus interesses em agir jamais dispõe por completo da soma de suas lembranças. O acervo de sua recordação só fica acessível em partes; e

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

isso perfaz a limitação fundamental, mas também a versatilidade e capacidade de aprender dos seres humanos.

Ou seja, o indivíduo permite que sejam registrados apenas o que lhe interessa, consentindo que as recordações fiquem armazenadas apenas em partes, uma válvula de escape do ser humano, lembrar o que de fato lhe convém. Em contrapartida com a lembrança, temos o esquecimento, este que age com o objetivo de se proteger das lembranças indesejadas, como por exemplo, os traumas.

Logo no início do romance, a autora define Maria, onde vive, como vive, a personagem possui traços militarizados herdados pelo avô. “*O quarto de Maria* tem toda simetria e perfeição que ela espera do mundo. Quadrado, minúsculo, é cortado por linhas retas, com lados e ângulos iguais” (HIDALGO, 2016, p. 7). A personagem Maria ‘luta’ contra esse passado ‘enjaulado’, ao mesmo tempo que lembra com saudades da infância, despreza sua origem, sua herança militar. A autora faz uma ponte entre amor/política, alegria/tristeza, esquerda/extrema-direita, liberdade/censura, tropical/temperado, corpo/cidade e corpo/exílio. Faz um paralelo entre o passado e o presente, misturando as lembranças de Maria ao sofrimento atual vivenciado. Maria e Arthur tentam esquecer seu passado e o sofrimento experienciado no Brasil.

É válido ressaltar que, para Maria e Arthur, o que lhes incomoda vai além do exílio, mas o sentimento de desconexão com a cultura, porém, sempre lhes inquieta esse sentimento de serem intrusos em um lugar que lhes pertence.

Maria olha em volta, diluída entre passantes. Aí ela não destoa. Seu gestual é contido como o dos outros. No entanto, é ela a forasteira, a foragida. E gosta cada vez mais disso, em especial do direito à solidão. Pode sentar num banco de praça horas a fio sem que alguém puxe conversa (HIDALGO, 2016, p. 10).

É perceptível como Maria foi impactada pelo momento e pelos traumas do período militar, registrados na memória, como essa ruptura causada por esse momento de exílio trouxe a personagem uma busca individual por uma simetria. “Ela mede cada centímetro para se certificar das dimensões

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

exatas e senta no X riscado no meio do chão. Nesse ponto fixo, gira a sua odisseia” (HIDALGO, 2016, p. 7).

Nota-se que os personagens estão em vias de uma luta, seja a luta contra a ditadura ou a luta dos movimentos estudantis na França de 1968. “A revolução é uma insurreição. É um ato de violência pelo qual uma classe derruba outra” (HIDALGO, 2016, p. 72). Dado os fatos, percebe-se que os traumas culturais, mantidos pela memória, estão presentes na narrativa por completo, aliado ao trauma das relações familiares cada qual com o seu. Hidalgo retratou, por meios literários, os sofrimentos e problemas constantes enfrentados pelo ser humano, a autora contextualizou a luta dos refugiados e exilados, não apenas do período militar, mas as lutas que são constantemente travadas pelo Oriente Médio e tantas outras nações. “O mundo acha esse blá-blá-blá muito bonito, sublime, mas é exatamente nesse rio de três palavras que esse mesmo mundo naufraga. Talvez porque ninguém esteja preparado para tanta liberdade, igualdade e fraternidade, vide América Latina, África etc.,” (HIDALGO, 2016, p. 101). Assim, o romance retrata o sofrimento causado por guerras e revoluções passadas, como também, atuais.

Aleida Assmann (2011) traz explicações sobre trauma que são interessantes para que se possam entender os processos pelos quais os personagens de *Rio-Paris-Rio* são submetidos durante o desenrolar da narrativa. Aleida Assmann (2011, p. 277) ensina que o trauma está ligado as questões da memória, e que estabiliza uma experiência que não está acessível à consciência e se firma na sombra dessa consciência como presença latente, o que segundo a autora, na visão do crítico literário Lawrence Langer, pode ser classificada como “memória não heroica” que seria uma espécie de perda do controle físico e intelectual do ambiente e de concessão de autoridade sobre a linguagem. Memórias que sempre voltam ao ponto inicial, o afastamento, o distanciamento de lugares e pessoas queridas, amigos deixados para trás. A busca dos personagens, seria uma constante sensação de pertencer, estar inserido em algo, já que isso lhe fora roubado quando exilados em outro país, outra cultura, outra identidade. Percebe-se que o trauma de não pertencer, está presente na figura dos personagens deste livro, algo que os circunda como um fantasma.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Aleida Assmann (2011, p. 279) assevera que “o trauma não é assimilável na estrutura identitária da pessoa, é um corpo estranho que estoura as categorias da lógica tradicional: ao mesmo tempo interna e externamente, presente e ausente”. A autora lembra que esse caráter paradoxal foi enfatizado pelo filósofo Jean-François Lyotard, o qual estuda o problema do trauma na dimensão coletiva e histórica. Aleida Assmann (2011, p. 283) continua, “o trauma é a impossibilidade da narração”, pois se existe trauma, não existe afeto, já que o afeto “conserva elementos da recordação que ingressam na memória de armazenamento como partes sem um todo ou como micronarrativas dobradas e lá ficam lado a lado, desconexas” (ASSMANN, 2011, p. 282).

Nesse sentido, percebe-se que o silenciamento do passado, tanto de Maria, quanto de Arthur, está relacionado com a figura do trauma, pois ambos evitam movimentar as recordações do passado. Porém, vale ressaltar que a personagem Maria no início da narrativa, lembra da figura do seu avô com um certo carinho, afeto. Com o passar do tempo, ela já não consegue ter as mesmas lembranças afetivas como antes, provavelmente, passa a entender que aquele passado militarizado que viveu, foi uma agressão a ela, que só conseguiu enxergar após a convivência com Arthur. “Ela de novo se deixará desviar por ele, por eles, pelo par que formam e a faz se esquecer do que era, do que fazia” (HIDALGO, 2016, p. 20). Assim, se não há a presença do afeto, as recordações deixam de existir, de serem narradas ou lembradas, “cabe-nos estimar tanto seu bloqueio quanto seu excesso, o que contraria a visão de que pelo caminho escorregadio do consenso ‘seja possível gerar um novo passado’ ” (ASSMANN, 2011, p. 283), ocorrendo o bloqueio das recordações.

A memória coletiva também está presente no romance de Hidalgo, Aleida Assmann (2011, p. 115-116) ensina que “a ficção encena recordação (coletiva) como atualidade fingida, traz de volta ao presente o passado (partilhado), como que com uma varinha de condão.” Portanto, a ficção é uma ferramenta na projeção da história. A autora ainda afirma, que recordação e literatura estão intimamente ligadas há muito tempo. Nesse sentido, faz-se necessário tratar da memória coletiva, visto que a narrativa traz nas suas nuances diversos aspectos. “Um golpe que sepultou a nação, sua

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

adolescência e tantas juventudes” (HIDALGO, 2016, p. 46). Logo, Maurice Halbwachs (1990, p. 53-54) ensina que:

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Nesse sentido, percebe-se que Maria, Arthur e demais personagens de *Rio-Paris-Rio* compõem essa memória coletiva, pois compartilham de momentos sombrios que ficaram registrados na memória, em que um, completa a lembrança do outro, reconstruindo a sequência de acontecimentos que não teriam feito isoladamente, como explica Maurice Halbwachs (1990, p. 26) “nunca estamos sós”. E foram naqueles momentos de reuniões entre Maria e seus amigos, “Marechal e a tribo de estrangeiros se encontram com frequência em reuniões no quartel-general da rua Cujas, às voltas com ideias embebidas num álcool forte e esfumaçadas por um haxixe de cheiro bom” (HIDALGO, 2016, p. 15), que lembranças e palavras de protestos foram transformando o pensamento da ‘garota militarizada’: “– É nessa ilusão de paraíso que a boa gente do meu país vai aceitando toda aquela truculência de farda, as prisões, a censura” (HIDALGO, 2016, p. 46). Assim, a jovem metódica, aluna exemplar e neta obediente, se transforma, passando a entender quem foram os responsáveis pela violência, pelas barbaridades e pelo sofrimento de tantas pessoas.

Outro aspecto importante, é a figura do lugar, característica marcante no livro de Hidalgo, em que os personagens em meio a sua complexidade sempre se voltam para o que ficou para trás, como ensina (GAGNEBIN, 2006, p. 44):

Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Para Jeanne Marie Gagnebin (2006) a memória está ligada ao rastro de palavras ou objetos que contam uma história, que podem transportar para outro tempo ou espaço. A presença de um passado desaparecido, pode culminar na interrupção de um presente que tenta se estabelecer, por isso a necessidade de Maria em buscar as linhas simétricas de seu quarto, ouvindo Caetano em sua vitrolinha. “Apesar do barulho da festa ao lado, coloca ‘Alegria, alegria’ de novo na vitrola, hipnotizada pelo movimento circular, 33 rotações por minuto, que segue até o fim sem o arranhão da manhã” (HIDALGO, 2016, p. 13-14). Provavelmente é a forma dela de se reconectar com um passado que lhe parece vivido somente no espaço da memória.

Segundo o filósofo Henri Bergson (2011) os indivíduos possuem dois tipos de memórias distintas, lembrança espontânea e a lembrança hábito: “a lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada a sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data” (BERGSON, 2011, p. 90-91). E em contrapartida, a memória hábito, “ao contrário, a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada” (BERGSON, 2011, p. 91). Nesse sentido, a função da memória hábito é criar um exercício por meio da repetição, permitindo que movimentos se organizem e sejam repetidos no dia-a-dia, mas que com o passar do tempo se apagam da nossa memória, sendo substituídas pela memória espontânea.

Assim, percebe-se que as lembranças de Maria foram construídas por meio dos hábitos militarizados de seu avô: “Não sabe por quê, acordou com a lembrança do avô que a fazia de soldada ao lado do irmão e dos primos, todos tão pequenos, metidos em uniformes verde-oliva, fuzis a postos. Sentido! Apresentar armas. Ombro, armas. Ordinário, marche!” (HIDALGO, 2016, p. 8). Brincavam de pelotão e atacavam os inimigos imagináveis, brincadeiras que foram impregnando em Maria, simetria e perfeição na sua rotina. “Há uma crueldade entalhada em seu corpo, um mal hereditário, uma tirania pegajosa, nociva, da qual seus pais a afastam e por isso a mantêm estrangeira. Foragida (ela insiste)” (HIDALGO, 2016, p. 11). Nesse sentido, percebe-se a presença da lembrança hábito na memória de Maria.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

De modo geral, o romance traz várias questões para serem analisadas, tanto as lutas elencadas pelos brasileiros no período da Ditadura Militar, quanto as ocupações estudantis na França (1968), em que a busca pela renovação dos valores obteve a força de uma geração jovem. Assim, percebe-se que as lembranças de Maria e Arthur são uma forma de resgate historiográfico, reconstruindo por meio da memória, o sofrimento enfrentado por brasileiros, franceses e tantos outros povos, levando o leitor a compreender e conhecer os percalços enfrentados pelos povos durante os “anos de chumbo”.

3 Considerações finais

Portanto, o livro de Luciana Hidalgo, *Rio-Paris-Rio*, narra as memórias, medos, fugas e solidão de milhares de pessoas em um período tenebroso, representados pelos personagens Maria e Arthur, como também, muitos outros aspectos presentes durante a leitura. A história de Maria e Arthur, seguindo a ordem cronológica do livro, acontece rapidamente. A forma como o romance é narrado traz essa sensação de ‘de repente’. O leitor encontra-se abraçado por uma diversidade de *flashes*. “A cabeça interrompe flashes do pesadelo porque o corpo reclama atenção” (HIDALGO, 2016, p. 89). Os acontecimentos são processados na velocidade de um *flash*, rápido, inesperado, quase imperceptível, como o romance do casal, que outrora eram estranhos, e momentos depois eram amantes que compartilhavam a vida juntos. E, logo depois, a narrativa assume um *flash* voltado ao passado, os *flashbacks* que as personagens têm de suas vidas em um passado, não tão distante, em seu país de origem. “A acribia do flashback domina a mente como uma imagem fantasmática que assombra o indivíduo traumatizado” (SELIGMANN- SILVA, 2005, p. 72). Portanto, percebe-se que as lembranças repentinas são vestígios do trauma, que volta e meia assombra a mente dos personagens.

Os personagens protagonistas desse romance, Maria e Arthur, são dois resultados diferentes, porém similares, de uma mesma realidade. Maria procurava viver uma vida simétrica, quadrada, limitada, controlando o ambiente em sua volta. Arthur é inimigo da rotina, um sonhador libertário e idealista. Antes de Arthur, o passatempo de Maria era sentar-se no X ao centro do seu quarto e divagar

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

sobre o que vivia, o que viveu e o que aprendia nas aulas sobre Descartes. A chegada de seu par romântico traz uma visão um tanto diferente à personagem. “– Meu avô é general e acho que tem mais é que levar na cara uma resposta à altura das barbaridades que ele e os amiguinhos generais vêm impondo ao país. A minha geração tem mesmo que pegar em armas para resistir” (HIDALGO, 2016, p. 140). Ambos são resultantes de um País tomado por forças militares e que vive um dos piores cenários protagonizados pela violência ditatorial.

Tendo a noção de que as lembranças, os *flashbacks*, são elementos essenciais do romance, nota-se o paralelo que essas memórias formam com a história: "mas pesadelos existem pela nostalgia do sinistro. E à noite o sono é apenas esse grande ímã a magnetizar bestialmente todo o lixo da memória" (HIDALGO, 2016, p. 60-61). É como se os personagens protagonistas estivessem vivendo em dois planos diferentes: Brasil-França, Paris-Rio. E, como dito no pensamento de Maria exposto pela narradora, o sono, mas, também, qualquer momento de *solitude*, seja ele em meio a uma multidão ou sozinho em seu quarto, são ímãs que resgatam memórias, às vezes, queridas, e muitas vezes indesejáveis. Isso é perceptível na personagem de Maria. Há momentos da narrativa em que ela lembra, com um semblante agradável, de momentos seus com o avô, mas, logo após, os ímãs trazem à tona recordações que não deveria existir, como a lembrança da morte de seu irmão de dez anos.

Portanto, *Rio-Paris-Rio* narra a história de dois jovens que viveram na pele o militarismo no Brasil, exilados em Paris, vivenciam uma história de amor entrelaçada a política. Arthur “enquanto ama Maria, fode a neta do general. É isso, o autoritarismo regendo afetos de forma sutil e criminosa” (HIDALGO, 2016, p. 153). E Maria “entendeu que a violência do avô é também a sua violência” (HIDALGO, 2016, p. 156). Ambos retornam ao Brasil “após quinze voltas da Terra em torno do Sol ela esteja no Rio de Janeiro, Brasil, em 30 de setembro de 1979” (HIDALGO, 2016, p. 154). Assim, a autora por meio da arte literária, representa o sofrimento de milhares de pessoas, desvelando os acontecimentos e relatando que mesmo com o fim da Ditadura Militar, das revoluções e tantas outras guerras, os resquícios do sofrimento continuam impregnados nas memórias dos sobreviventes.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: ed. 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HIDALGO, Luciana. **Autoficção Brasileira**: Influências francesas, indefinições teóricas. ALEA. Rio de Janeiro. vol. 15/1, p. 218-231, 2013.

_____. **Rio-Paris-Rio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARTINS FILHO, João Roberto (Org.). **1968 faz 30 anos**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp; São Carlos, SP: Editora da Universidade de São Carlos, 1998.

RICOUEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo, ed. 34, 2005.

_____. **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.